

UTOPIA, CRISTIANISMO E CIÊNCIA DA NATUREZA NA NOVA ATLÂNTIDA DE FRANCIS BACON: PARALELOS COM A GEOGRAFIA

BAUAB¹, Fabrício Pedroso

Resumo

Trata, o presente artigo, de problematizar a filosofia baconiana, enfatizando a questão da concepção de uma nova visão acerca da relação técnica-ciência (filosofia natural). Para tanto, tomamos por prerrogativa analisar a obra *Nova Atlântida*, publicada em 1627, um ano após a morte de seu autor, Francis Bacon. Concluímos que a trindade, formada pelos diálogos entre ciência, técnica e religião, discorridos na obra do autor, o levam à defesa do domínio da natureza pela junção ciência-técnica orientada pelo cristianismo como forma de redenção da humanidade após o flagelo da Queda. A nova posse da natureza, após a Queda, se daria, portanto, para o filósofo, pelo poder que o homem conseguiria após a criação desta nova trindade.

Palavras chave: Ciência, técnica, Natureza, cristianismo, Geografia.

UTOPIA, CRISTIANISMO Y CIENCIA DE LA NATURALEZA EN LA NUEVA ATLANTIDA DE FRANCIS BACON: PARALELOS CON LA GEOGRAFÍA

Resumen

El presente artículo trata de problematizar la filosofía baconiana, enfatizando el problema de la concepción de una nueva visión acerca de la relación técnica-ciencia (filosofía natural). Para eso, se ha tomado como prerrogativa analizar la obra *Nueva Atlántida*, publicada en 1627, un año después de la muerte del autor, Francis Bacon. Se ha concluido que la tríade, formada por los diálogos entre ciencia, técnica y religión, discorridos en el libro, lo llevan a la defensa del dominio de la naturaleza pro la unión ciencia-técnica orientada por el cristianismo como una manera de redención de la humanidad después del flagelo de la Queda. La nueva pose de la naturaleza, después de la queda ocurriría por lo tanto, para el filósofo, por el poder que el hombre conseguiría después de la creación y aplicación de esta nueva tríade.

Palabras llave: Ciencia, técnica, Naturaleza, cristianismo, Geografía.

UTOPIA, CHRISTIANITY AND SCIENCE OF NATURE IN THE FRANCIS BACON'S NEW ATLANTIS: PARALLELS WITH GEOGRAPHY

Abstract

The current article aims to discuss the Baconian philosophy, outstanding the matter of conception of a new vision about the technic-science relation (natural philosophy). In order to that, it has taken as prerogative of analyzing the *New Atlantis*, published in 1627, one year after his Francis Bacon death. It has been concluded that the triad, composed by the dialogues between science, technic and religion, reported in the author's book lead him to defend the nature dominium by linking science and technic oriented by the Christian values as a humanity redemption way after the nemesis of destruction. The possession of nature, after the destruction, would be possible, therefore, for the philosopher, by the power that the man would get after the creation and the application of the new triad.

Key words: Science, technic, Nature, christianity, Geography.

1. Introdução

O presente artigo almeja apresentar um diálogo entre o saber filosófico e o saber geográfico. Em verdade, busca problematizar um tema afim: a relação sociedade-natureza.

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste, campus de Francisco Beltrão). E-mail: fabriciobauab@yahoo.com.br

A inspiração para a sua criação deu-se quando tomamos contato com as obras de Paolo Rossi – *A ciência e a filosofia dos modernos* (1992) e *Os filósofos e as máquinas* (1989) – e depois com as do próprio Francis Bacon, entre elas a *Nova Atlântida* (1999) e o *Novum Organum* (1999).

Antes do autor inglês, nunca houve, na história da filosofia, quem se debruçasse sobre a reflexão da relação entre técnica e a Ciência (conhecida à época de Francis Bacon como Filosofia Natural). *Homo Sapiens* e *Homo Faber* eram separados desde a Antiguidade, como destaca Gandillac (1995) e Francis Bacon, será, segundo Rossi (1989), o primeiro a problematizar e defender a união entre prática e teoria (Ciência). Derivando da aludida união, surgiriam inúmeras possibilidades de o homem dominar seu entorno, recriando a grafia do planeta, as paisagens que lhe dão feição.

Nó âmbito do saber geográfico atual, encontramos, em Milton Santos, preocupações e conclusões que permitem um paralelo, ainda que longínquo temporalmente, com a revolucionária teoria baconiana. Santos (1996), por exemplo, ressalta o período e o meio atual em nível planetário como período-meio técnico científico informacional, em que a técnica potencializada pela Ciência, não altera apenas o meio físico, mas enreda a todos, dotando os lugares de objetos técnicos que informam intencionalidades voltadas para a extração de uma mais-valia global (SANTOS, 2011).

Se Humboldt (1874) dissertava, na introdução do *Cosmos*, acerca da conexão holística que enredava o meio natural e o planeta, diluindo a ação humana nesse processo, agora é a profusão da técnica e da Ciência que enlaçam os lugares aos ditames do capitalismo. Neste sentido, Smith (1988) afirma categoricamente que o processo produtivo atual regurgita, após se beneficiar do domínio classista sobre a natureza, elementos que moldam o espaço geográfico. Tal “moldagem” só se faz possível mediante o saber técnico-científico unificado, gerando tecnologias de intervenção no meio físico.

Tais aspectos geográficos atuais criam, em nosso entendimento, uma ponte com alguns dos diversos aspectos do pensamento baconiano, principalmente os concernentes à relação sociedade-natureza que segundo o filósofo deveria ser mediada pelo desenvolvimento técnico e científico construído unitariamente. São os primórdios do pensar esta mediação que buscaremos problematizar na análise da *Nova Atlântida*, de Francis Bacon.

A inacabada *Nova Atlântida*, obra póstuma que veio a público em 1627, um ano após a morte de seu autor, foi escrita no cenário da primeira modernidade, contexto em que o encontro com um quarto continente insuflou pensadores a sonharem com novos

mundos, novos homens e, acima de tudo, novas possibilidades de existência, como trataremos adiante.

Cabe salientar que tomamos, na construção do presente artigo, a resolução de intercalar prosa e reflexão teórica. A prosa aqui em questão é oriunda de um exercício que fizemos: narrar, de forma intercalada com o debate convencional acadêmico, pontos cruciais da estória contada de maneira romanceada por Francis Bacon, estimulando o leitor, quem sabe, à leitura do original, que é de fácil acesso. Os momentos em prosa aparecem escritos em itálico e numerados por algarismos romanos. Sempre após a prosa, voltamos à discussão acadêmica propriamente dita.

Esperamos que o presente artigo consiga captar o papel inédito de Frances Bacon em clamar pela união entre Ciência e técnica imbuída pelo cristianismo, conforme explicaremos, e seu estímulo à redenção do homem pós Queda, expulsão do Paraíso através do domínio das forças externas, da Natureza.

I

(Descrição em prosa da *Nova Atlântida*)

Velejavam vindos do Peru, através dos mares do Sul, visando alcançar a China e o Japão. Pararam no oeste por muitos dias, parados pelo cessar dos ventos. Após muitos dias de total calma, a embarcação novamente pôs-se a cortar o tecido d'água: ventos vindos do sul, com ligeira tendência para o leste, surgiram, rumando a embarcação para o norte...

Após considerar-se perdida na vastidão de tão novos mares, a tripulação encontrou motivos para considerar atendidas todas as preces alçadas ao céu. Aparecera, ensombrada por vastas fileiras de bosques, uma ilha que possuía um bom ancoradouro, que era porto de uma cidade aprazível. Resolveram, então, se dirigir até o ancoradouro, onde um bom número de pessoas os esperava, advertindo, amistosamente, para que a embarcação não se aproximasse tanto.

Neste ínterim, um pequeno bote com oito pessoas se aproximou da tripulação perdida. Uma das pessoas do bote leu em um pergaminho amarelo-brilhoso, os seguintes dizeres:

“Não desembarqueis nenhum de vós; e procurai afastar-vos desta costa dentro de dezesseis dias, exceto se vos for concedido mais tempo. Enquanto isso, se quiseres água fresca, provisões, assistências para os enfermos ou algum reparo de que o navio necessite, escrevei vossos desejos e tereis o que prescreve a misericórdia.”

Alguns detalhes do referido pergaminho chamaram a atenção dos marujos. Estava ele timbrado com um emblema que representava as asas de um querubim, símbolo da bênção divina. Junto das asas, uma cruz adornava o manuscrito. Ao avistarem tais símbolos, os tripulantes do navio perdido logo se sentiram afagados por uma alegria que os tranqüilizou. Começavam já a aparecer indícios de que o encontro com os habitantes da ilha seria, positivamente, entrecortado por uma perspectiva que os uniria: a fé cristã.

Cerca de três horas depois do primeiro encontro, já tendo sido apontadas todas as necessidades da tripulação, veio em direção da embarcação um homem trajando uma toga de uma espécie brilhante de camurça, azul-celeste, impondo-lhe certa posição, pois o seu aspecto era venerável. Ao se aproximar, perguntou em espanhol:

“Sois cristãos?”

Responderam todos que sim. Então, o venerável homem acrescentou:

“Se todos vós jurardes pelos méritos do Salvador que não sois piratas nem derramastes sangue, legal ou ilegalmente, durante os últimos quarenta dias, podereis ter permissão para vir a terra.”

Todos consentiram e, algumas horas depois, estavam pisando em terra firme. Foram encaminhados para a Casa dos Estrangeiros, onde foram supridas as necessidades dos sãos e dos doentes... (BACON, 1999a).

2- Novos mundos, novas referências geográficas

Na utópica *Nova Atlântida*, Francis Bacon descreveu um lugar inexistente em que seus ideais acerca do vínculo entre religião, Ciência e sociedade eram projetados para os conteúdos presentes em uma ensombrada ilha que, aos olhos do filósofo inglês, seria uma espécie de vir a ser da sociedade europeia. Isso, caso os mandamentos da Ciência de fato fossem aplicados, trazendo ao homem uma ainda inédita situação de domínio sobre a natureza.

Sonhar – ou profetizar - com a possibilidade de tal acontecimento deu-se num contexto em que o desvelamento do mundo promovido pelos chamados Descobrimentos Marítimos proporcionava novos sobressaltos com o encontro de novas gentes e terras.

O encontro com o novo já havia dado ao cosmógrafo Martin Waldsemuller (1475-1522), de acordo com Boorstin (1989), a possibilidade de compor um planisfério em que a América figurava, ainda tímida, mas em tom de novidade, no extremo Ocidente. Isso nos idos de 1507. Fora esse fato, muitos outros contribuíram para a constatação gradual da

inteireza do planeta. Em sintonia com o que estamos afirmando e em tom de crítica à Idade Média, o filósofo inglês assim se manifestou:

Naquela época era limitado e superficial o conhecimento histórico e geográfico, o que é muito grave, sobretudo para os que tudo depositam na experiência. Não possuíam, digna desse nome, uma história que remontasse aos mil anos, e que se não reduzisse a fábulas e rumores da Antigüidade. Na verdade, conheciam apenas uma exígua parte dos países e das regiões do mundo. Chamavam indistintamente de citas a todos os povos setentrionais e de celtas a todos os ocidentais. Nada conheciam das regiões africanas, situadas além da Etiópia setentrional, nem da Ásia de além Ganges e muito menos ainda das províncias do Novo Mundo, de que nada sabiam, nem de ouvido nem de nenhuma tradição certa e constante. E mais julgavam inabitáveis muitas zonas e climas em que vivem e respiram inumeráveis povos (BACON, 1999b, p.57-8.).

Graças às viagens de Bartolomeu Dias (1450-1500) e Vasco da Gama (1460-1524), por exemplo, se colocaria fim à ideia de Ptolomeu (90-168) de que o sul da África fosse ligado a um suposto continente austral (90-168), conforme salienta Dreyer-Eimbck (1992). Haveria a possibilidade de contornar o continente africano e, singrando as águas do Oceano Índico rumo às riquezas de um dourado Oriente, negociar- palavra de ordem da ocasião. Pouco tempo depois, a processual constatação da inteireza do planeta ganhou uma contribuição relevante com a circunavegação ensejada por Fernão de Magalhães (1480-1521) que culminou com a revelação do Oceano Pacífico, o que alargaria, em muito, a percepção e a empiricidade do mundo para os pasmados olhos do Velho Mundo. Assim, para um mundo mercantil em efervescência:

[...] o essencial é a percepção do espaço, com o traçado das rotas que nele penetram; a percepção dos povos e civilizações e a experiência das formas de encontro e intercâmbio; a arte de navegar sem terra a vista, e o instrumento dessa através do desconhecido – a caravela. Mas os espaços apercebidos constituem círculos de raios cada vez mais amplo – até alcançar o mundo inteiro. As economias, sociedades e civilizações classificam-se segundo a sua diversidade e complexidade, sendo então necessário inventar permanentemente novas formas de abordagem (GODINHO, 1998, p.66).

Neste sentido, o globo passará a ser entrecortado, paulatinamente, por crescentes rotas comerciais que culminariam em um enredamento que articularia desvelamento com mudanças nos cenários primeiros de vários lugares, o que acarretaria a criação de novos territórios (vinculados aos Estados Nacionais latentes), novas paisagens, tornando no decorrer dos séculos o capitalismo em um fenômeno mundial, criando e recriando espacialidades, dando conteúdos novos às paragens antes veladas aos europeus.

O conhecimento geográfico seria reinventado para absorver tamanhas mudanças. A obra *Geografia Geral* (1650), de Varenius, conforme já salientamos em outra ocasião (BAUAB, 2013), seria um exemplo de renovação acompanhando os novos tempos, mesclando elementos da Revolução Científica com a interpretação do novíssimo material

empírico revelado, tudo isso entrecortado pelo primado de utilidade que acompanha o ideário no transcorrer da modernidade. No recém citado Varenius, já encontramos isso:

¿No se debe ello, en gran parte, a conocer las regiones a las que hay que enviar las mercancías, desde las que hay que trasladar hasta allí o hacia otros lugares, su situación, la distancia, los mares que hay en medio, el camino, los lugares vecinos, sí tiene habitantes amigos o enemigos y otros datos que son sacados de los mapas geográficos sin legítimo placer del ánimo? (VARENIUS, 1984, p. 89- 90).

Neste sentido, temos que:

A nova ciência é, portanto, um dos fundamentos, talvez o mais importante, do que normalmente se identifica como sendo o novo código de valores da modernidade. A geografia foi desde a Antiguidade responsável pela descrição e pela criação de uma imagem de mundo. Assim, enquanto descrição e imagem de mundo, o discurso geográfico procura, na modernidade, ser um discurso científico e moderno. Ele reproduz, assim, as características fundamentais da época e acompanha todas as suas modificações. A história da ciência geográfica pode, então, ser considerada a história do *imago mundi* da própria modernidade (GOMES, 1996, p.28).

Os conteúdos de um mundo revelado seriam, além de catalogados e inventariados, modificados pela nova Ciência revigorada em suas relações com a técnica. Não basta apenas localizar. Posse e transformação dos exuberantes quadros naturais encontrados tornam-se, pouco a pouco, imperativo de ocidentalização de nosso orbe.

Assim, como destaca Subirats (1998), em Francis Bacon a natureza vira, gradativamente, recurso. E o encontro de sua variedade e profusão quase planetária assombrou os europeus e estimulou a filosofia do inglês. Desta feita, novo caráter do método indutivo, desenrolado ao longo de todas as páginas do seu *Novum Organum* (1620), estimularia Francis Bacon, que acabou preconizando uma ampla reforma do órgão (“organum”) do conhecimento, ressignificando o empírico, agora atrelado aos modernos conceitos de poder político e econômico. Tem-se, aqui, o poder (*potentia*) entendido como domínio técnico desenvolvido pelas novas ciências, principalmente a óptica e a mineralogia. A produção (*productio*), por seu turno, vincula-se à produção de frutos úteis à humanidade. Isto tudo dado em um sentido pragmático, ligado aos valores modernos de utilidade, trabalho, disciplina e indústria. Tal poder e tal produção encontrar-se-iam presentes no utópico cenário da *Nova Atlântida*. Em um cenário irradiante do novo, pouco a pouco a tripulação perdida da estória encontra motivos para deslumbres e admirações, revisitando seus próprios valores...

II

(Descrição em prosa da *Nova Atlântida*)

Era, a tripulação, constituída por cinqüenta e uma pessoas. Dezesete delas se encontravam doentes. Pílulas acinzentadas e laranjas de tom avermelhado-queimado foram oferecidas aos doentes que, pouco a pouco, melhoraram. Dignados pelo tratamento cristão recebido, os perdidos tripulantes trataram de se resignar. Estariam, com toda certeza, para muito além do Velho e do Novo Mundo e, o fato de estarem seguros e bem tratados em um lugar desconhecido, deveria ser considerado um milagre por quem havia se perdido na vastidão de um ainda incólume oceano.

Após o primeiro dia de permanência na Casa dos Estrangeiros, logo pela manhã, receberam a notícia de que poderiam permanecer na ilha por mais seis semanas, de acordo com as regras locais. Entretanto, ficou claro, pouco depois, que, caso lhe aproovessem, poderiam ficar ali indeterminadamente, pois retinha, o Estado, orçamento especificado para o cuidado de estrangeiros.

Passado mais um dia, descobrem, através do governador da Casa dos Estrangeiros, que os habitantes da ilha de Bensalém² – assim a chamavam os seus habitantes – conheciam o que se passava em outras terras, cuidando para permanecerem incógnitos. Foram estas as palavras que o governador usou para explicar tal situação:

“Nós, desta ilha de Bensalém, encontramos-nos na seguinte situação: em virtude da nossa solidão e das leis do segredo em que mantemos nossos viajantes, e da rara admissão de estrangeiros, conhecemos bem a maior parte do mundo habitado, e de nossa parte, somos desconhecidos.”

Após esta explanação, seguiu-se uma inusitada narrativa acerca da conversão dela ao cristianismo. Assim, sobre a redenção da ilha à fé cristã, o governador relatou uma história das mais interessantes:

“Cerca de vinte anos depois da ascensão de Jesus Cristo”, narrou o governador, “os habitantes da cidade de Renfusa, que fica na costa oriental da ilha, avistaram, algumas milhas mar adentro um grande pilar de luz que subia aos céus formando um caminho através de uma figura cilíndrica.”

Atentamente, a tripulação ouvia o relato milagroso. Prosseguiu o governador:

“No céu, exatamente no lugar em de onde se originava a luz, resplandecia, majestosa, uma grande cruz, mais brilhosa, mais radiante do que a luz que se estendia até o mar. A população da cidade, admirada com tamanho espetáculo, logo tentou se aproximar do evento usando alguns botes, mas alguma misteriosa força os impedia de avançar. Em um dos botes, um dos homens mais sábios da Casa de Salomão, de quem

² Do árabe, filha da salvação (ANDRADE, 1998).

ainda muito ouvirão falar, realizou uma prece quase que ensandecida, visando obter permissão para se aproximar do evento. Louvou a graça do Senhor, que bem deu autorização para conhecer as obras da criação, permitindo que as obras da natureza, as de arte, as imposturas, sejam distinguíveis da ação milagrosa. Reconhecendo o teor milagroso do sublime evento, pediu a Deus a interpretação e o uso misericordioso dos segredos da criação.”

“Foi permitida a tal homem a aproximação do evento. Quando chegou bem próximo ao feixe de luz, cruz e pilar desfizeram-se, esparramando luzes que, como fogos de artifício, preencheram o firmamento. Restara na água apenas uma pequena arca. Nela foram encontrados os textos canônicos do Velho e do Novo Testamento, o Apocalipse, além de outros livros do Novo Testamento ainda não escritos. Havia também, no fundo da arca, uma carta escrita por São Bartolomeu que salvou, a partir de então, aquela ilha da infidelidade, evangelizando-a milagrosamente.”

Após uma pequena pausa, o governador narrou exatamente o que dizia a carta de São Bartolomeu:

“Eu, Bartolomeu, servo do Altíssimo, e apóstolo de Jesus Cristo, fui avisado por um anjo que deveria confiar esta arca às ondas do mar. Por conseguinte, declaro e dou fé de que o povo ao qual segue o cofre, por ordem de Deus, obterá, no mesmo dia da chegada, sua salvação e paz e a bem-aventurança do Pai e do Senhor Jesus Cristo.”

Hebreus, persas e indianos, todos moradores da ilha pelos intercâmbios freqüentes que ela estabelecia no passado com antigas civilizações, mais os nativos, leram a carta de São Bartolomeu que, segundo o relato do governador, se adaptava a entendimentos lingüísticos tão variados.

A partir deste abençoado dia, convertera-se cristã toda a ilha. O cenário de harmonia social, de assustador domínio sobre as forças da natureza e sobre as próprias vontades humanas parecia ter-se originado a partir da já longa data do evento milagroso. Muitos segredos ainda seriam revelados para a tripulação naufraga. Pouco a pouco perceberiam os europeus que teriam, aquelas ensombradas terras, muitas características apenas parcialmente existentes em sua pátria mãe. Seriam tais terras uma espécie de salto para o futuro, de vislumbre com o vir a ser da sociedade europeia caso as noções de progresso social e raciocínio científico se imbricassem, tendo como pano de fundo a pedagogia da alma cristã. Os eventos que aconteceriam a seguir confirmariam o perfil de espelho por onde se vê a si mesmo refletido sob o pano de fundo de um contexto outro, aprimorado, futuro, quase onírico... (BACON, 1999a)

3- A novidade da filosofia baconiana: o diálogo entre cristianismo e Ciência

Além da conversão da ilha ao cristianismo, o evento milagroso que culminou na carta de São Bartolomeu, significou o claro oferecimento dos segredos da criação para os habitantes da ilha ou, mais especificamente falando, para a Casa de Salomão. Há muitas implicâncias nisso tudo, como veremos adiante.

Na singularidade do cenário narrado da *Nova Atlântida*, a descoberta de um lugar inusitado e a posse da natureza se configuram, com toda certeza, no elemento que mais salta aos olhos, dada, claramente, a distância que todo o mundo se encontrava de tal potencialidade. Tal singularidade primeiramente é construída em termos de conversão cristã, ensinamentos bíblicos, doutrinários. Cria-se, antes de tudo, a predisposição do espírito, moralmente regado de valores cristãos para, simultaneamente, edificar a objetividade do trato científico com relação ao meio, aos revezes do mundo natural. Veremos a cristalização deste vínculo na Casa de Salomão, foco de nossa análise no transcorrer do texto.

Mais do que a conversão da ilha ao cristianismo, o evento milagroso significou a clara demonstração do verdadeiro lugar que o homem deveria ocupar na Criação: ministro e intérprete. Este deveria ser o lugar do homem, escrito, claramente demonstrado no texto bíblico no próprio momento da Criação. Pelo menos, seria esse o ponto de vista de Francis Bacon sobre o assunto, em consonância com os escritos cristãos:

Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus, criou o homem e a mulher. Deus abençoou-os e disse a eles: “Sede férteis, multiplicai-vos, enchei a terra e a subjugai. Dominai sobre os peixes do mar, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra”. E Deus disse: “Aqui está, dou a vós todas as plantas que estão sobre a terra e as sementes que elas carregam, e todas as árvores frutíferas – isso será o vosso alimento. E a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move sobre a terra, tendo em si um sopro de vida, dou o verde como alimento”. E assim ocorreu. Deus viu tudo o que tinha feito, e eis que tudo era muito bom. E foi a tarde e foi a manhã: o sexto dia” (GÊNESIS, 2001, p.13).

A perda da inocência conduziu ao castigo de Adão e Eva, evento conhecido como Queda. A partir de então, quebra-se a instantaneidade do domínio humano espontâneo, natural. Torna-se o solo maldito. O alimento, só conseguido mediante suor do rosto, labor. Desfigura-se a dimensão paradisíaca. A natureza pós Queda torna-se externalidade plena, fonte de provocação e estímulo para a astúcia humana.

Cabe ressaltar que os fatores acima descritos constituem a ampla temática da Queda que havia sido retomada na época de Francis Bacon, fazendo-se presente, como aponta Rossi (1992), na cultura geral da Revolução Científica, oferecendo-lhe pontos de referência.

A grande questão que estava presente por detrás da retomada de tal tema é justamente a que se segue: o conhecimento produzido até então teria sido capaz de reestabelecer o império do homem sobre a Criação? Não. Esta seria, incisivamente, a resposta de Francis Bacon.

O escolasticismo medieval, a contemplativa filosofia grega, a extravagância intelectual dos humanistas, a credulidade apressada dos alquimistas, enfim, todos os saberes produzidos até à época de Francis Bacon teriam uma falha moral clara, estridente, pois pouco se aplicavam à solução do castigo da Queda, ao restabelecimento do império do homem sobre a natureza. Eram todos, sem exceção, religiosa e moralmente condenáveis.

Contra os gregos, por exemplo, Francis Bacon argumentou que esses produziram um saber professoral, pródigo em disputas infrutíferas. Assim, [...] *os gregos, com efeito, possuem o que é próprio das crianças: estão sempre prontos para tagarelar, mas são incapazes de gerar, pois a sua sabedoria é farta em palavras, mas estéril em obras.* (BACON, 1999b, p.56-7).

Em verdade, como atestou Bacon (1999b), utilidade e verdade coincidiriam, sendo o saber produzido até então pouco útil e, simultaneamente, pouco verdadeiro. E isso seria moralmente condenável, uma vez que as *Escrituras* claramente atestam a função redentora atrelada à inversão das condições do castigo, à retomada do império – natural – do homem sobre a natureza. Estaríamos ainda longe de um novo paraíso.

Seria necessário, neste contexto, certo *desfazer de si mesmo*, tão presente em Descartes no também semelhante sentido de regramento da razão via indução redimensionada a separar, inequivocamente, sujeito e objeto. Desfazer-se das idolatrias das ilusões das palavras, das falsas ideias, dos valores pessoais, das falsas doutrinas. A única fonte confiável de conhecimento seria vista por Francis Bacon no retorno à Bíblia, à pureza dos textos sagrados, à simplicidade da fé e ao cumprimento daquilo que o cristianismo nos roga (ROSSI, 1992).

As *Escrituras*, assim, seriam a emanção da vontade de Deus (ROSSI, 1992). A natureza seria a demonstração da potência de Deus. Neste sentido seria perda de tempo, para Francis Bacon, as angustiantes preocupações de Galileu (1564-1642) no sentido de encontrar semelhanças entre obra e palavra de Deus. Deus só é semelhante a si mesmo. Não há imagem Dele no mundo. Ao olharmos para a natureza devemos, assim, nos ater a ela mesma, sem preocupações simbólicas.

É neste sentido que se entrelaçariam Ciência e religião na obra de Francis Bacon: a religião forneceria o senso moral do domínio, presente nas *Escrituras*, e a Ciência

forneceria as ferramentas para tanto (ROSSI, 1992). E este entrelaçamento faz-se todo bem desenvolvido nas paragens inusitadas da *Nova Atlântida*, conforme veremos.

Dessacralizada, a natureza se torna manancial pleno para o trabalho, para as aspirações e anseios humanos. A luxuosa situação de *homo sapiens* fez-se ossificada pelas doutrinas filosóficas, pouco preocupadas com a outra situação que acompanhou o homem pós-queda: a de *homo faber*. As oposições entre verdade e utilidade, teoria e prática só teriam, de acordo com Bacon, freado o curso da humanidade frente à redenção que emanaria do controle estabelecido sobre a natureza (ROSSI, 1989). Neste sentido, Francis Bacon conclama para que:

[...] o gênero humano recupere os seus direitos sobre a natureza, direitos que lhe competem por dotação divina. Restitua-se ao homem esse poder e seja o seu exercício guiado por uma razão reta e pela verdadeira religião (BACON, 1999b, p.98).

Os habitantes da ilha já haviam atingido tais premissas. Receberam a doação dos segredos da Criação através do encontro com os textos canônicos do Velho e do Novo Testamento, da leitura do Apocalipse e dos outros livros ainda não escritos do Novo Testamento. Aos poucos, a tripulação europeia viria a conhecer a situação de harmonia - assentada sobre o controle da natureza - em que viviam os habitantes das abençoadas terras. Lá, na *Nova Atlântida*, o valor moral do controle sobre o meio vinculou-se a um saber efetivamente voltado para este fim, tornando aquele incógnito lugar a cristalização perfeita do vínculo entre utilidade e verdade que seria discursado em todos os textos de Francis Bacon. Como destaca Imaz (s.d.) não é, necessariamente, a comunidade que está em jogo na *Nova Atlântida*, mas sim as esperanças depositadas no homem pelo domínio da natureza. É isso que, gradativamente, ficará escancarado aos olhos dos europeus quando estes se embrenharem pelas inusitadas características da ilha.

III

(Descrição em prosa da *Nova Atlântida*)

No dia seguinte, o mesmo governador procurou os navegadores europeus para continuar a conversa iniciada no dia anterior. Surpreendeu a todos novamente, relatando acontecimentos históricos desconhecidos da parte deles, quase fabuloso, lendários:

“Há cerca de três mil anos atrás, a navegação do mundo era bem maior se comparada a dos tempos presentes. Pelo que sei, há bem pouco, nos últimos cento e vinte anos, vocês irromperam com suas caravelas o Estreito de Gibraltar, ou as chamadas

Colunas de Hércules, que limitavam o mundo conhecido durante o período medieval. Antes, porém, os fenícios tinham grandes frotas, os cartagineses várias colônias e o Egito e a Palestina exerciam intensamente a arte da navegação. A grande Atlântida, chamada por vocês de América, era também florescente em termos de grandes navegações. Hoje, possui somente juncos, canas e povos ainda em estado de natureza.”

A tripulação sentiu-se curiosa acerca deste passado remoto da América. O governador, estimulado pela curiosidade estampada no rosto dos estrangeiros, continuou a narração:

“Naquele tempo, a nossa ilha era conhecida por todos, freqüentada por persas, caldeus, árabes, entre outros. Nossos navios cruzavam várias partes do oceano Atlântico e do mar Mediterrâneo, estabelecendo contatos também com diversas costas do Oriente. Quanto à grande Atlântida, foi ela destruída não por um grande terremoto, como escrevera um ilustre sábio de vocês, mas por um grande dilúvio. Alguns selvagens e certos tipos de animais se salvaram da inundação, buscando refúgio das partes mais altas de inigualáveis montanhas. Assim, podemos explicar o estado de plena rudeza em que se encontram os habitantes da América, pois são eles um povo muito jovem, que não herdou os ricos conteúdos da civilização de seus antepassados.”

“Gradativamente, foram recuando as navegações das outras civilizações e passamos a entrar neste estado de isolamento em que nos encontramos. Isolamento proveitoso este, diga-se de passagem, e sobre o qual não posso mais me estender. Nossa marinha, entretanto, permanece vultuosa em termos de navios, marinheiros, potência, pilotos e tudo o que mais se refira à arte da navegação.”

Passados alguns dias, dois membros da tripulação europeia foram convidados para a Festa da Família. Não entraremos nos pormenores da festa, reservando-nos o direito de ir diretamente ao seu objetivo primordial. Nos dois dias da festa, o Tirsan – pai de família – se dedica ao bom estado da família, buscando resolver e apaziguar discórdias e atritos existentes. São censurados e reprovados os que se entregam ao vício, são dadas normas para o casamento, indicadas decisões para o futuro.

Na ilha, vícios lascivos, todo o tipo de corrupção e torpeza eram inexistentes. Lá não havia bordeis, cortesãs ou nada parecido. Leis referentes ao casamento impediriam a prática da poligamia. Ninguém poderia se casar antes que se tenha transcorrido um mês desde primeiro encontro. Não são invalidados os casamentos realizados sem o consentimento dos pais. Porém, são castigados os herdeiros, uma vez que os filhos nascidos de tais casamentos não recebem em herança mais do que a terça parte dos bens possuídos pelos seus pais. Enfim, pode-se concluir com certeza que o casamento, assim

como vários outros aspectos da ilha, é devidamente pensado para que, enquanto atividade com clara função social, desempenhe seu papel na construção do harmonioso cenário que saltava evidente daquelas paragens. São quase castos, resignados muitas vezes, os habitantes da ilha. Os impulsos do corpo são praticamente todos refreados em nome da manutenção dos valores morais que pareciam dar coesão espiritual para as pessoas que viviam naquelas terras... (BACON, 1999a).

IV

(Descrição em prosa da Nova Atlântida)

Farol do Reino ou Colégio da Obra dos Seis Dias, em clara alusão ao livro do Gênesis. Assim chamavam a Casa de Salomão³, que se dedicava ao estudo das obras e das criaturas de Deus, fato este tornado possível após o evento milagroso que culminou na carta escrita por São Bartolomeu aos habitantes da ilha. O nome de tal casa, provavelmente, deve ter sido inspirado no rei dos hebreus, famoso por ter realizado avançados estudos em história natural. Os europeus tiveram conhecimento da instituição mais importante da ilha através de uma audiência privada que obtiveram com um padre, representante importante da Casa de Salomão.

A princípio, o padre narrou o fim último da ordem: o conhecimento das causas e dos segredos dos movimentos de todas as coisas e a ampliação dos limites do império humano para a realização de tudo quanto possa ser possível ao homem.

Para a realização do controle pleno da natureza, a Casa de Salomão dispunha de vários preparativos e instrumentos: cavernas, ou regiões inferiores, onde eram realizadas experiências de coagulação, endurecimento, refrigeração e conservação dos corpos; torres, ou regiões superiores, que serviriam para experimentos de isolamento, refrigeração, conservação e observações atmosféricas gerais; casas grandes e espaçosas, em que se imitavam os fenômenos meteorológicos como a neve, a chuva, o granizo, bem como trovões e relâmpagos; lugares apropriados para o cultivo e a geração de algumas espécies de moscas e vermes, tão úteis ao homem como o são os bichos-da-seda e as abelhas; câmaras de saúde, com o ar regulado de modo a curar doenças e restaurar a saúde; dispensários e farmácias que se apropriavam da grande variedade de vegetais existentes na ilha; artes mecânicas que produziam papel, linha, seda, tecidos delicados, tinturas excelentes, além de uma gama variada de outros produtos; vários tipos de

³ Tal ordem, ou sociedade, era chamada também de Colégio da Obra dos Seis Dias, em alusão ao livro do Gênesis.

fornos que imitavam todos os tipos de calor existentes na natureza, incluindo tanto o calor do sol e dos corpos celestes, como o calor das entranhas e das vísceras; casas de perspectiva, onde se reproduziam todos os fenômenos óticos existentes; aparelhos que, aplicados ao ouvido, aumentavam a audição, além de outros que reproduziam os sons e odores da natureza; máquinas que reproduziam todos os tipos de movimentos existentes.

Tais instrumentos, somados a outros tantos aqui não citados, constituiriam a riqueza da Casa de Salomão. Tal riqueza ampara-se fundamentalmente no domínio sobre a natureza que tal instituição possibilitara para a Nova Atlântida, como as inúmeras atividades narradas por nós bem demonstram.

Com relação aos encargos e ofícios exercidos pelos diferentes discípulos da Casa, temos a seguinte estrutura.

Doze deles navegam por países estrangeiros escondidos sob a bandeira de outras nações, trazendo livros e súmulas de experimentos feitos em todas as partes do mundo. São chamados de **mercadores da luz**.

Três deles recolhem experimentos que se encontram dispostos em todos os livros publicados. São chamados de **depredadores**.

Os **homens do mistério**, por seu turno, em número de três, reúnem os experimentos de todas as artes mecânicas, das ciências liberais, e ainda das práticas que não chegaram ainda ao estado de arte.

Também em número de três, os **pioneiros ou mineiros** estariam incumbidos de tentar novos experimentos de útil aplicação.

Os **compiladores** recolheriam os experimentos dos quatro grupos precedentes, organizando-os por intermédio de títulos e tábuas. Também são em número de três.

Outros três discípulos estariam encarregados de examinar os experimentos dos seus condiscípulos, procurando uma forma de extrair coisas de utilidade para a vida humana e para a própria ciência. Os **doadores** ou **benfeitores**, como era chamado esse grupo, não se preocupavam especificamente com as obras, mas também com a demonstração das causas e meios da adivinhação natural, bem como o descobrimento das virtudes e partes dos corpos.

Após diversas reuniões entre os membros visando o intercâmbio e a análise de tudo o que fora coletado e produzido, três novos discípulos recebem o encargo de orientar novos experimentos, feitos a partir dos já realizados. Estes discípulos seriam portadores de um mais alto grau de luzes que permitira com que eles penetrassem com mais profundidade nos segredos da natureza. Esses eram chamados de **luminares**.

*Três discípulos executariam todos os experimentos anteriormente descritos. Eram chamados de **inoculadores**. Outros três, finalmente, sintetizariam os experimentos feitos anteriormente em observações, axiomas e aforismos de maior generalidade. São os intérpretes da natureza, que enredariam todas as fases proscritas do conhecimento em um discurso totalizante, explicando, plenamente, o funcionamento da natureza.*

Visando manter em continuidade esta hierarquia de intérpretes da natureza, são ensinados a noviços e aprendizes os mandamentos da ciência, bem como uma grande quantidade de serventes e atendentes, incluindo-se tanto homens quanto mulheres.

Da Casa de Salomão, edificada em torno de uma minuciosa distribuição de tarefas entre os seus discípulos, emanaria a fonte de harmonia daquela sociedade, que quanto mais se tornava transparente, mais maravilhosa parecia aos olhos da tripulação. Esta claramente pode se aperceber de que ali, na Nova Atlântida, o eterno confronto entre homem e natureza haveria, por fim, de ter favorecido ao primeiro, possuidor de um singular entendimento acerca das causas e efeitos operantes na Criação. Ali, na Nova Atlântida, o real desenvolvimento da ciência trouxe ao homem a paz necessária para que, uma vez rompidas as oposições do meio, este pudesse concentrar-se mais plenamente em si, aplicando a pedagogia da alma do cristianismo na conduta de sua vida perante os demais membros da sociedade. Vencidas as vicissitudes do meio, todos poderiam voltar-se, absolutamente, para o Criador de tudo.

Na ilha, todos pareciam felizes diante do reestabelecimento do controle espontâneo do homem sobre as coisas criadas. Retornaram, graças ao saber ofertado pela ciência, ao estado paradisíaco que precedeu a Queda.

Por fim, diante de um tão magnífico cenário, o Padre da Casa de Salomão concedeu autorização para que os estrangeiros divulgassem pelo mundo o que viram. E nós, tendo ouvido os relatos dos navegadores, tornamos agora público os conteúdos deste tão curioso episódio... (BACON, 1999a).

4. A Casa de Salomão e a posse da natureza na Nova Atlântida

Aos poucos, desnuda-se, para os tripulantes europeus, o magnífico cenário da ilha. Descobrem um inusitado passado para a América, em que uma civilização avançada ali se estabeleceu, implementando intercâmbios com várias partes do mundo. Por intermédio da água – um dilúvio – desfizera-se tal civilização, sendo ali gerados os homens recentemente descobertos.

Voltemos ao interior da ilha. Nela, regras eficientes de conduta social harmonizavam-se ao controle mantido sobre a natureza ali presente.

A resolução dos problemas familiares era estimulada pelo Estado, promotor da citada Festa da Família. Espiritualmente, mantinham-se proscritos pelos ditames de um cristianismo puro, retomado, vivificado pela simplicidade da fé que entrelaçaria domínio sobre suas próprias forças mundanas e domínio sobre as forças da natureza. Um pela fé, outro pela Ciência.

Na edificação deste império, papel fundamental teria a chamada Casa de Salomão, farol da ilha, fonte de domínio e, mesmo, de reinvenção da natureza, posta, como previra o *Gênesis*, sob a ordem, sob o ministério do homem.

Os eventos narrados com relação à Casa de Salomão expressariam, claramente, uma filiação baconiana ao que Glacken (1996) chamou de filosofias renascentistas da técnica. Em tais filosofias, Georgius Agrícola (1494-1592) exemplifica uma significativa mudança no olhar com relação ao trabalho manual. Concebendo a necessidade de uma filosofia para o trabalho manual, Agrícola demonstrou ter uma erudição humanista que combinava a contemplação da natureza com a atividade técnica, prática (GLACKEN, 1996). Foi, possivelmente, o mais próximo antecessor de Francis Bacon nesse aspecto.

Francis Bacon discursou, também, acerca da conjunção entre teoria e prática, entre contemplação e experiência, entre o trabalho do artesão e o do intelectual. Da junção destas duas perspectivas, que em verdade, não se anulam, brotaria um verdadeiro conhecimento, capaz de se sobrepor à inaptidão moral da filosofia ora em voga, incapaz de construir obras frutíferas ao homem, de modificar a natureza, recriando-a pelo trabalho amplificado pela Ciência unida à técnica.

Francis Bacon realmente fez parte do movimento de defesa de um saber útil, aplicável à vida prática através de uma tecnologia que surgiria desta comunhão do saber do técnico com o do nascente cientista. É de tal tecnologia que viria a possibilidade de controle sobre o meio, de redenção pelo ministério retomado diante da natureza.

Assim, Rossi (1989) defende que, em Francis Bacon, a tese de um “conhecer como um fazer” e do “fazer que é ele próprio um conhecer” deriva, diretamente, de sugestões ou inspirações presentes nos livros de filosofia e tratados de magia e alquimia do Renascimento. Entretanto, em Francis Bacon tal tese atinge uma maturidade plena e consciente, redimensionando, com já viemos destacando, a relação entre prática e teoria, elevando-a a um nível de operacionalidade que inexistia na tradição alquímica e sua metodologia obscura. Neste sentido, Francis Bacon se distanciaria da alquimia.

Haveria certa concordância entre Francis Bacon e Georgius Agrícola no que tange à vinculação entre Filosofia Natural e saber técnico. Contudo, o filósofo viu no humanismo, como já destacamos, um entrave, um obstáculo à necessidade moral de retomada do

controle da natureza. Erudição, acúmulo de conhecimentos variados seriam teias bonitas tecidas por uma razão que mal consegue transpassar a si própria, criando obras verdadeiramente úteis ao homem. Nisso recaíam os eruditos humanistas e seu saber pouco útil seria em termos de aplicabilidade ao conhecimento técnico e, por consequência, ao domínio e à modificação da natureza, temas absolutamente geográficos e atuais.

É justamente neste ponto que está o diferencial de Francis Bacon: Ciência e potência coincidiriam; pesquisa teórica e aplicação prática também. Desapareceria, assim, de acordo com Rossi (1989), qualquer necessidade de diferenciação, uma vez que verdadeira seria a teoria aplicável, construtora de obras, bem como a técnica, para ser verdadeira teria, *necessariamente*, que ter o respaldo da teoria, pois só assim também operaria obras eficientes. Sobre esta necessidade de teoria no conhecimento técnico, Francis Bacon assim se expressou no seu *Novum Organum*:

Por sua vez, mesmo em meio à abundância dos experimentos mecânicos, há grande escassez dos que mais contribuem e concorrem para informação do intelecto. De fato, o artesão, despreocupado totalmente da busca da verdade, só está atento e apenas estende as mãos para o que diretamente serve a sua obra particular. Por isso, a esperança de um ulterior progresso das ciências estará bem fundamentada quando se recolherem e reunirem na história natural muitos experimentos que em si não encerram qualquer utilidade, mas que são necessários na descoberta das causas e axiomas (BACON, 1999b, p.78-9).

Descoberta das causas e axiomas se imbricam aos experimentos, construindo um conhecimento que ultrapassa as obras particulares dos artesãos, o olhar específico que estes lançam para o problema técnico detectado. Nestes termos, em Francis Bacon, como destaca Rossi (1989), pesquisa teórica e aplicação prática seriam a mesma experiência que se configura em dois modos diferentes. Colocada diante de um determinado efeito ou de uma determinada natureza, se move, a contemplação, em busca da causa; partindo da causa e visando-a como meio, a “operação” acaba por tentar obter determinados efeitos ou fazer com que algum corpo assuma aquela determinada natureza. O que na contemplação vale como causa, na operação vale como efeito. Não existiria, claramente, uma separação entre a teoria e a prática interventiva, técnica. Um conhecimento verdadeiro só brotaria do vínculo estreito estabelecido entre estas duas inseparáveis esferas que foram, entretanto, plenamente apartadas durante todo o pensamento ocidental, conforme atesta Gandillac (1995) quando se refere à disjunção *homo sapiens* e *homo faber* na Antiguidade e ao longo da Idade Média, conforme já salientado.

No utópico cenário da Nova Atlântida, entretanto, a unidade entre teoria e prática parecia ser inquebrantável.

Como demonstramos na descrição dos feitos obtidos pela Casa de Salomão, várias eram as possibilidades de manipulação da natureza lá desenvolvida. Cavernas, fornos,

lagos artificiais, torres, manipulação das condições do ar, toda a sorte de artes mecânicas, farmácias, geração artificial de plantas... Enfim, possibilidades ilimitadas de apropriação das potencialidades da natureza faziam-se presentes na ilha por intermédio da Casa de Salomão, instituição regida por padres, por pessoas que bem sabiam o puro conteúdo das Escrituras e que executavam, com eficiência, o preceito moral de domínio, controle da natureza. Para tanto, haveriam de vincular, como bem defendera Francis Bacon, teoria e prática, tendo como pano de fundo, reiterando, a premissa moral de posse da natureza presente claramente no texto bíblico.

Em suas utópicas paragens, Francis Bacon projetou homens com mentes purificadas, com uma atitude diferente diante do mundo, retendo em si não somente a expressão de uma ampla reforma do conhecimento, mas também outra, de magnitude maior, que implica em uma profunda modificação da moralidade e do espírito religioso. Esta seria, de acordo com Rossi (1992), o profundo motivo da mudança sugerida por Francis Bacon, revolucionário por vincular Ciência, religião, verdade e utilidade em um patamar único, vinculado ao discurso de posse da natureza enquanto mecanismo de redenção da humanidade.

Funda-se o *Regnum Homini* mediante a Ciência, mediante a religião. O cristianismo não seria em Francis Bacon somente uma pedagogia da alma. É no cristianismo que Francis Bacon busca mais amplamente a sua concepção de natureza externa, que não é imagem de Deus, que nela não revela o seu esplendor. É apenas, a natureza, como destaca Rossi (1992), um contexto de causas suficientes por si mesmas, assim como para Descartes (1999) (1596-1650) a substância extensiva, a matéria não teria nenhuma mensagem subliminar deixada ao homem por Deus.

Na Nova Atlântida, São Bartolomeu dera, por intermédio dos textos sagrados que deixou para os habitantes da ilha, o conteúdo necessário para o domínio destas causas suficientes, a predisposição de espírito apta para tanto. Lá, todos os ideais de Francis Bacon se cristalizam, estimulando uma sociedade harmonicamente pautada na sua eficiência. Materialmente, eram todos os seus habitantes supridos. Espiritualmente também. Tenderia o mundo a se tornar uma ampla Nova Atlântida caso os ideais de Francis Bacon (1999a), cristalizados na ilha, explodissem para além do seu mundo perfeito, fincando raízes no mundo concreto, real.

Em Francis Bacon, portanto, temos a união do *homo sapiens*, do *homo faber* e, também, do homem religioso. Este vínculo entre moral e Ciência seria, no filósofo inglês, bastante singular, bem mais estridente do que comparado a outros autores. Em Descartes conforme já ressaltado, o discurso de posse da natureza, do homem que deve tornar-se

dono, senhor desta natureza, aflora sem a explicitação de qualquer vínculo religioso. Em Galilei permanece a mesma noção de natureza como externalidade, sem nenhuma teleologia, dessacralizada. Para tanto, contudo, Galileu não se ampara em algum tipo de argumentação religiosa.

Francis Bacon explicitaria tal perspectiva através do discernimento dos ídolos que ludibriam a mente, que ofuscam a realidade. Explicitaria, também, através do elogio da escola de Demócrito (séc V a.C), que bem haveria sabido distinguir os conteúdos do mundo das medidas que o sujeito transferiria para tais conteúdos (distinção entre qualidades primárias e secundárias da matéria). Nisso tudo, reforçamos mais uma vez, forjaria-se, mais ainda, a imagem de natureza enquanto externalidade, que é reforçada pelo Deus cristão, ausente, distante dos laços mecânicos de causa e efeito que se tornariam, gradativamente, os verdadeiros conteúdos do mundo natural.

5- Considerações finais

O novo olhar que Francis Bacon projeta para a técnica, unindo-a ao processual avanço pelo qual passava a Filosofia Natural (Ciência) no século XVII tem, no nosso ver, relações explícitas com a transformação do espaço geográfico atual ou, diríamos, com a grafia do planeta, com as paisagens dos lugares, regiões ou territórios. O período atual, chamado por Santos (1996), de técnico-científico-informacional, surgido, segundo o aludido autor, após a Segunda Guerra Mundial, tem por premissa básica o tão aclamado processo de domínio da natureza. O contemplativo saber grego e medieval, somado ao caráter menor e isolado dado à técnica inibia qualquer possibilidade de domínio mais amplo sobre o meio.

A natureza vista como recurso por Francis Bacon passa, acompanhando o avanço do capitalismo, a fornecer seu potencial acumulado, a ponto de hoje em dia tornar-se, digamos, possuída pelo homem, pela classe social dominante e pelos países ditos desenvolvidos. Como um cinzel de um escultor, o capitalismo molda as paisagens do mundo mediante suas necessidades, mediante as demandas de consumo por ele mesmo engendradas. Neste sentido, a filosofia baconiana foi a primeira a preconizar o poder de uma Ciência aplicada, enlaçada à técnica, subsidiada por novas demandas econômicas. É nisso que enxergamos uma, entre inúmeras possibilidades de diálogo, entre a Geografia e Filosofia, no caso a baconiana, *A Nova Atlântida* serviu-nos de inspiração. O tamanho da força do cristianismo nisso tudo ainda é algo a ser mensurado, estudado com mais profundidade.

Na ótica baconiana, porém, Deus estaria distante, bem distante mesmo, contemplando com admiração, ao lado dos anjos, o trabalhoso esforço de seu filho mais ilustre visando resgatar a dignidade perdida após a Queda...

Referências

ANDRADE, J. A. R. **Bacon: vida e obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BACON, F. **Nova Atlântida**. São Paulo: Nova Cultural, 1999a. (Col. Os Pensadores)

BACON, F. **Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. São Paulo: Nova Cultural, 1999b. (Col. Os Pensadores)

BAUAB, F. P. **Do conhecimento geográfico medieval à Geografia Geral de Varenius (1650): uma contribuição ao estudo da história e da epistemologia da Geografia**. Cascavel, Pr: Edunioeste, 2013.

BOORSTIN, D. J. **Os descobridores: de como o homem procurou conhecer o mundo e a si mesmo e ao mundo**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DREYER-EIMBCKE, O. **O descobrimento da Terra: história e histórias da aventura cartográfica**. São Paulo: Melhoramentos, Edusp, 1992. ELIAS, Norbert.

GANDILLAC, M. **Gêneses da Modernidade**. Trad. Lúcia Cláudia Leão & Marília Pessoa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

GÊNESIS. Trad. Alexandro Zir. Porto Alegre: L&PM, 2001.

GLACKEN, C. **Huellas en la playa de Rodas: naturaleza y cultura en el pensamiento occidental desde la Antigüedad hasta finales del siglo XVIII**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996.

GODINHO, V. M. Que significa descobrir? In: NOVAES, Adauto (org.). **A Descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 55-82. (Col. Brasil 500 anos)

GOMES, P. C. G. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HUMBOLDT, A. **Cosmos: ensayo acerca de una descripción física del mundo**. Trad. Bernard Giner y Jose Fuentes. Madrid: Imprenta de Gaspar y Roig. Editores, 1874. Vol. I.

IMAZ, E. Topia y utopia. In MORO, CAMPANELA, BACON. **Utopias del Renacimiento** México: Fondo de Cultura Económica, s.d.

ROSSI, P. **A ciência e a filosofia dos modernos**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

ROSSI, P. **Os filósofos e as máquinas, 1400-1700**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2011.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual**: natureza, capital e a produção do espaço. Trad. Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988

SUBIRATS, E. O mundo, todo e uno. In: NOVAES, A. (org.). **A Descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 335-346. (Col. Brasil 500 anos)

VARENIUS, B. **Geografia Geral**: en la que se explican las propiedades generales de la tierra. 2.ed. Trad. José Maria Requejo Prieto. Barcelona: Ediciones de la Universidad de Barcelona, 1984.

Recebido em: 29/01/2016

Aceito em: 12/09/2016